

États généraux de la psychanalyse: Seconde Rencontre Mondiale – Rio de Janeiro, 2003

Tema: A experiência psicanalítica e a cultura contemporânea

Sub-tema: 3b - A questão da resistência e da negatividade na psicanálise

## Divina Comédia Humana (ou sobre a Reação Terapêutica Negativa)

Leila Maria Bruck Ripoll<sup>1</sup>

leilaripoll@uol.com.br

### Resumo

Este trabalho surgiu de uma interrogação que, a partir de uma experiência pessoal de análise, insistentemente se impunha para mim: que tipo de relação de poder pode estabelecer-se numa relação analítica que venha a impedir o processo de análise e ao mesmo tempo manter o vínculo numa relação imóvel e difícil de ser rompida? Dentro das relações de poder que definem e atravessam o campo psicanalítico, falo de uma posição estratégica que visa problematizar o conceito de "Reação Terapêutica Negativa", desnaturalizando certas categorias conceituais e retirando-as do campo da terapia, da negatividade e da cura.

**Palavras-chave:** Reação terapêutica negativa, Resistência, Transferência, Escritura psicanalítica

Quero iniciar este trabalho utilizando a letra de uma canção de Belchior para pensar na representação social do analista que nela aparece estampada. Quero pensar no lugar que este analista ocupa, no imaginário do compositor, quando fala de uma relação amorosa:

Divina Comédia Humana - (Belchior)

Estava mais angustiado que um goleiro na hora do gol  
 Quando você entrou em mim como um Sol no quintal  
 Aí um analista amigo meu disse que desse jeito, não vou ser feliz direito  
 Porque o amor é uma coisa mais profunda que um encontro casual  
 Aí um analista amigo meu disse que desse jeito, não vou viver satisfeito  
 Porque o amor é uma coisa mais profunda que uma transa sensual  
 Deixando a profundidade de lado  
 Eu quero é ficar colado à pele dela noite e dia  
 Fazendo tudo de novo e dizendo sim à paixão morando na filosofia  
 Eu quero gozar no seu céu, pode ser no seu inferno  
 Viver a divina comédia humana onde nada é eterno  
 Ora direis, ouvir estrelas, certo perdeste o senso, eu vos direi no entanto:  
 Enquanto houver espaço, corpo e tempo e algum modo de dizer não, eu canto.

---

<sup>1</sup> Aluna de doutorado do Instituto de Medicina Social-UERJ / Membro do EBEP-Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos

Quando o sujeito precisa tomar uma decisão e está "mais angustiado que um goleiro na hora do gol" o que faz o analista? Que analista é este que recomenda, antes de tudo, prudência, que aconselha a reflexão e a busca do sentido nas profundidades do amor? Que analista é esse que imobiliza, que desautoriza a entrega às paixões, economizando intensidades e recriminando a perda do senso(do bom senso)? Pretendo deixar estas perguntas em suspenso e construir a rede de pensamentos que liga esta canção ao tema que desejo abordar, que é o da Reação Terapêutica Negativa(doravante RTN).

Meu trabalho sobre RTN surgiu de uma interrogação que, a partir de uma experiência pessoal de análise, insistentemente se impunha para mim: que tipo de relação de poder pode estabelecer-se numa relação analítica que venha a impedir o processo de análise e ao mesmo tempo manter o vínculo numa relação imóvel e difícil de ser rompida? Por que acontece de os sujeitos permanecerem aprisionados em uma relação analítica? Neste suposto aprisionamento, os sujeitos estão "resistindo" à análise e isto faz parte do processo ou nada está se movendo e de fato, não há processo analítico nenhum?

Buscando compreender o que é considerado analisável cheguei ao conceito de RTN formulado por Freud pela primeira vez em 1923 e ao qual, Karl Abraham faz uma primeira referência, em 1919, descrevendo uma forma particular de resistência ao método analítico. Concluí que, para abordar o problema, deveria remeter-me aos impasses que ocorrem numa situação analítica em relação à transferência e à resistência e aos destinos que são dados a estas experiências dentro do processo analítico. Em particular, achei que deveria focalizar o impasse explicitado pelo conceito de RTN em relação ao dispositivo analítico, impasse este que se caracteriza por um esvaziamento libidinal da relação; nem transferência positiva, nem transferência negativa, antes um marasmo.

Georges Pérec faz uma descrição quase literária dessa experiência de imobilização da relação analítica, desse tempo suspenso : "... je vins pendant quatre ans m'enfoncer dans ce temps sans histoire, dans ce lieu inexistant qui allait devenir lieu de mon histoire, de ma parole encore absente. (...) un décor strict et toujours bien rangé, apparemment neutre, peu changeant d'une séance à l'autre, d'une année à l'autre: un endroit mort et tranquille." Pérec(1981:66). Sobre as possibilidades de compreender o que se passou afirma, "De ce lieu souterrain, je n'ai rien à dire. Je sais qu'il eut lieu et que désormais, la trace en est inscrite en moi et dans les textes que j'écris."Pérec(1981:71). Da mesma forma, guardo as marcas dessa experiência

inscritas em mim e, certamente, é a partir dessas marcas que pretendo escrever alguma coisa sobre este tempo fora do mundo, sobre este lugar subterrâneo, inexistente, mencionado acima. Creio que para abordar esta questão é fundamental discutir o que significa pensar em limites do que é analisável e nas dificuldades em que se encontram os psicanalistas para lidar com as formas de subjetivação contemporâneas.

A observação de Pérec de que as marcas dessa experiência permanecem nos textos que ele produz pode ser pensada sob a ótica do que significaria uma escrita psicanalítica. Segundo Birman(1996) o problema da escritura se impõe, hoje, como um tema fundamental na discussão psicanalítica. Diante disso coloca várias questões a serem respondidas tais como: se existe uma especificidade formal que diferencie a escritura psicanalítica das demais? Ou, caso não exista tal coisa, se existe um estilo psicanalítico de escritura diferente dos outros gêneros de escrita? Em particular, destaca que “a questão da escritura se coloca no horizonte como possibilidade teórica para se examinar a legitimidade da transmissão da psicanálise, poder-se-ia reconhecer um analista não apenas pelo que escreve como também pela forma de escrever sobre a psicanálise.” Birman(1996:71). Dessa forma, o escrito psicanalítico deveria não só ter como tema a psicanálise mas, igualmente, produzir uma experiência de inconsciente no sentido transformador do leitor.

Observo que Foucault percebe a experiência da escrita e da leitura de forma similar, uma experiência e não um experimento cognitivo: “Uma experiência é qualquer coisa da qual saímos transformados. Se eu tivesse que escrever um livro para comunicar aquilo que eu já pensei antes de começar a escrever, eu não teria a coragem de fazê-lo. Eu escrevo apenas porque eu ainda não sei exatamente o que pensar sobre esta coisa que eu gostaria tanto de pensar. De forma que o livro me transforma e transforma aquilo que eu penso.” Foucault(1996:41). De modo semelhante percebe a recepção de um livro pelo leitor quando comenta o impacto causado pelo seu livro *História da Loucura* que “funciona como uma experiência, para aquele que escreve e para aquele que o lê, muito mais do que a constatação de uma verdade histórica.” Foucault(1996:45). A afirmação de que a importância de um livro reside muito mais na experiência que este proporciona para o escritor e o leitor, do que as verdades históricas que produz, está diretamente relacionada à questão do que significa a produção de um conhecimento, bem como a indissociabilidade desta produção das lutas de poder, mediante o que chama de jogos de linguagem e jogos de verdade.

Foucault(1999,2000) toma como ponto de partida a obra de Nietzsche para desconstruir a idéia de que o desejo de conhecer é algo inato ao ser humano, algo que pode ser tomado como origem de todo o conhecimento, para afirmar que o conhecimento é uma invenção que tem uma história na qual nunca se admite a preexistência de um sujeito do conhecimento.

Segundo Nietzsche, o conhecimento não é instintivo porém guarda uma relação direta com os instintos, daí a afirmação que na busca da origem de qualquer saber o que vamos encontrar são baixezas, nada de sublime que seja desvelado pelo ato de conhecer, mas antes uma disputa de verdades, um jogo de poder onde a construção do saber se faz pelo discurso vitorioso cuja verdade é construída junto com o saber que sustenta esta verdade e com o sujeito cognoscente. Portanto, a produção do conhecimento se dá mediante uma relação de luta, uma relação de violência, de violação da coisa e não do reconhecimento ou percepção da verdade do ser das coisas no mundo. É na sua experiência no mundo, na sua situação contingente, na busca do reconhecimento do outro que o sujeito fica obrigado ao trabalho de construção permanente de novos sentidos. Os sentidos não estão presentes nas coisas, não são dados previamente para serem descobertos, a construção de sentidos faz parte de escolhas éticas e estéticas do sujeito. Essa forma de pensar a experiência parece-me muito adequada para pensar a experiência analítica, onde, na desconstrução da relação transferencial o sujeito é levado a assumir a posição de desamparo, construir singularmente seu sentido para o mundo e reconhecer na relação com o outro, na história e no mundo as marcas daquilo que o constitui.

A produção de um saber que afirme algo sobre o mundo sem recorrer a um argumento de autoridade fundado na ciência e também sem pretender que a sua verdade esteja fundada na apreensão da essência do seu objeto, coloca-nos numa situação de andar sobre o fio da navalha. Ficamos permanentemente assombrados pela ameaça da banalidade do vale-tudo, sem parâmetros para balizar nossas afirmações, pela indistinção entre ficção e realidade, ou mais radicalmente pelo ultrapassamento deste limite, aliás construído, que opõe razão e loucura. Ao problematizar o que significa a produção de um saber sobre o mundo, encontramos na situação apresentada por Bourdieu quando afirma que o sociólogo estaria sempre ameaçado de uma espécie de esquizofrenia, "na medida em que é condenado a tratar da historicidade e da relatividade num discurso com pretensões à universalidade e à objetividade, a caracterizar a crença numa análise condicionada à suspensão de qualquer adesão ingênua, a submeter a razão escolástica a uma crítica inevitavelmente

escolástica, tanto em suas condições de possibilidade como em suas formas de expressão, em suma, a detonar aparentemente a razão por meio de uma argumentação racional, à maneira desses pacientes que comentam o que dizem ou o que fazem por um meta-discurso que o contradiz? Ou então, será que tudo isso não passa de uma ilusão, nascida da repugnância em aceitar a historicidade da razão, seja ela científica ou jurídica?"(Bourdieu,2001:113).

Ao associar a esquizofrenia do sociólogo com a posição do paciente que fala por um meta-discurso, um paciente que *fala* mas não *diz*, Bourdieu coloca em cena, exatamente, a questão dessa palavra ausente, dessa palavra desencarnada que a experiência psicanalítica deveria tornar presente. Ou seja, a experiência psicanalítica deveria instaurar-se buscando manter indissociáveis o *falar* e o *dizer*, abrindo mão de um meta-discurso interpretante esquizofrênico. Mas, prosseguindo com o argumento de Bourdieu, para tornar a palavra presente é preciso aceitar sem repugnância a historicidade científica e jurídica da razão, que obriga ao reconhecimento do caráter performático de toda produção de conhecimento e de toda relação psicanalítica.

De acordo com Bourdieu, as forças sociais e políticas que produzem a diferenciação dos campos de saber, simultaneamente criam o sujeito do conhecimento e o objeto deste conhecimento: "(...)Dizer, tal como Saussure, que "o ponto de vista cria o objeto" é dizer que uma mesma "realidade" se torna objeto de um pluralidade de representações socialmente reconhecidas, mas parcialmente irreduzíveis umas às outras - como os pontos de vista socialmente instituídos nos campos de que elas são o produto-, ainda que tenham em comum a pretensão à universalidade.(Pelo fato de que cada campo como "forma de vida" é o lugar de um "jogo de linguagem" que dá acesso a aspectos diferentes da realidade, poder-se-ia indagar sobre a existência de uma racionalidade geral, transcendente às diferenças regionais e, por mais intensa que possa ser a nostalgia da reunificação, sem dúvida é preciso renunciar, à maneira de Wittgenstein, a buscar algo assemelhado a uma linguagem de todas as linguagens.)" (Bourdieu,2001:120).

Sob este ponto de vista, meu trabalho, embora nascido de uma experiência singular, busca uma intervenção política no campo psicanalítico, busca resgatar certos conceitos da "pureza" científica em que parecem imersos. Interessa-me delimitar a RTN como um acontecimento singular, algo da ordem da invenção, que pode ser alvo de uma genealogia. Dentro das relações de poder que definem e atravessam o campo psicanalítico, falo de uma posição estratégica que visa problematizar este conceito,

desnaturalizando certas categorias psicanalíticas e retirando-as do campo da terapia, da negatividade e da cura.

Pontalis(1988) observa que a questão da RTN é pouco discutida na teoria e pouco mencionada nas publicações e que, no entanto, a partir da década de 70 os analistas interrogam-se cada vez mais sobre a eficácia do processo analítico e a estabilidade de seus resultados. Afirma que, desde então, procedeu-se um processo de descrição cada vez mais detalhado e mais refinado dos tipos de personalidade que seriam por natureza refratários à análise. Nota que estas descrições são feitas sempre em termos deficitários, como uma impossibilidade dos pacientes, algo que se imporia como limite ao processo analítico, de tal forma que os analistas parecem se defrontar apenas com casos impossíveis. Está portanto em questão, a adequação da utilização do instrumental analítico para lidar com o sofrimento dos sujeitos na contemporaneidade. Ora, isto aponta para a necessidade de uma reflexão sobre o processo histórico de constituição do campo psicanalítico e a simultânea e permanente construção conceitual que define este campo de saber.

Segundo Pontalis(1977) a questão dos limites do analisável deve ser discutida relacionando duas esferas apenas aparentemente separadas, a saber: a do escopo de aplicação do método e interpretação psicanalíticos além das fronteiras do que seria analisável num *setting* analítico e a do escopo de aplicação desta técnica em termos de uma nosologia definindo suas indicações e contra-indicações, ou seja, o conjunto de distúrbios psíquicos aos quais ela é aplicável. O autor afirma que a correlação entre os limites do campo psicanalítico frente a outros saberes e a constituição de critérios clínicos do que seria objeto da psicanálise aparece no próprio processo de demarcação do campo da psicanálise feito mediante a produção dos conceitos psicanalíticos. O campo psicanalítico foi estabelecido nesse confronto com outros saberes, na busca de um estatuto científico e assim foram criados os conceitos que compõem o quadro das perturbações que seriam legitimamente objeto da psicanálise.

Segundo Bourdieu, os princípios que regem a produção de conhecimento em um determinado campo só podem ser compreendidos na relação deste campo com o microcosmo social. Estes princípios correspondem à institucionalização de um ponto de vista nas coisas e no *habitus*, implicando determinadas estruturas de pensamento do sujeito cognoscente, delimitando o que é pensável e o que é impensável nesse campo: "Para que se possa ter alguma chance de saber falar propriamente do que se faz é preciso tentar extrair o que está inscrito nas diferentes relações de implicação nas quais o pensador e seu pensamento se encontram enredados, ou seja, os

pressupostos por ele mobilizados bem como as inclusões e exclusões que ele opera sem o saber" (Bourdieu,2001:121). Nessa constatação, fica claro que há algo que ultrapassa o sujeito, ou melhor, que a idéia de sujeito do conhecimento como sujeito da razão é incapaz de perceber nas formas de subjetivação as marcas do *habitus* e portanto ignora as marcas inscritas no corpo desse sujeito sem dentro e sem fora, simultaneamente exterior e interior.

Ao pensar sobre o lugar da psicanálise como saber e como experiência, ao pensar sobre o estatuto dos conceitos psicanalíticos cheguei à constatação da impossibilidade e inadequação de uma sistematização a-histórica da experiência analítica, bem como da inutilidade e dos prejuízos advindos de uma formalização conceitual que vise aproximar a psicanálise do campo científico. Nietzsche afirma o espírito de liberdade como consequência do fato de que "Deus está morto", de que a crença no Deus cristão perdeu o crédito. Mas, logo a seguir, questiona: em que medida também nós ainda somos devotos? Em que medida substituímos Deus pela Ciência? Assim, a crença cega e a-histórica na verdade científica é tão religiosa quanto a crença cristã, pois, de fato a ciência pressupõe a crença de que "nada é mais necessário do que a verdade, e em relação a ela tudo o mais é de valor secundário". Nietzsche(2001:235). A seguir, Nietzsche se pergunta qual o sentido desta exigência incondicional, desta busca obcecada da verdade e conclui "Um tal desígnio talvez fosse, interpretando-o de modo gentil, um quixotismo, um ligeiro e exaltado desvario; mas também poderia ser algo pior, isto é, um princípio destruidor, inimigo da vida... 'Vontade de verdade' – poderia ser uma oculta vontade de morte." Assim o homem veraz "afirma um outro mundo" que não o nosso, o mundo metafísico das idéias perfeitas, onde Deus é verdade e a verdade é divina. Portanto devemos entender que a própria idéia de precisão e de a-historicidade de um conceito pressupõe uma crença metafísica na verdade essencial apreendida pelo conceito, o que aproxima a ciência da religião.

Uma das características do discurso psicanalítico que me intriga e incomoda, devido às raízes de minha formação pertencerem a um campo formalizado como a matemática, é a utilização das palavras. Explico melhor, em matemática, ao utilizarmos uma palavra, ainda que a idéia intuitiva associada à palavra seja importante para a compreensão do que queremos dizer, uma das exigências, impostas pela "cientificidade", é que o conceito seja definido precisamente dentro do sistema formal utilizado e que não se recorra a nenhuma idéia intuitiva como justificativa ou fundamentação deste processo. Na teoria psicanalítica, muitas vezes, parece se dar

justamente o contrário, há uma utilização da idéia intuitiva veiculada pela palavra na tentativa de especificar o conceito e posteriormente há um "esquecimento" destes parentescos semânticos originais, vinculados ao nascimento do conceito, e uma abstração do conceito que ganha uma essência própria e supostamente se livra de suas "origens baixas" como diria Nietzsche. Acho que este mecanismo de purificação dos conceitos explicita um desejo de morte, formalmente negado, mas real e oculto, de alguns teóricos da psicanálise, de incluir a psicanálise na categoria asséptica e a-histórica de ciência moderna.

O que são os conceitos? O que são as palavras? As palavras não são mais as coisas. As palavras tornaram-se coisas e, portanto, são objetos historicizáveis.

No meu entender, as palavras não são utilizadas impunemente e pode-se entender muito da história e da eficácia de certos conceitos psicanalíticos mediante uma discussão de suas palavras, pois de acordo com Starobinski(2002:12) "(...) os lingüistas, em sua maioria, optaram hoje por uma abordagem sincrônica e não vêm interesse algum em recorrer à "verdadeira" origem arcaica das palavras, que eles consideram uma miragem. Contudo, a semântica histórica (tal como a definia Michel Bréal em 1897, ou tal como foi ilustrada pelos trabalhos de Émile Benveniste) nunca foi vítima da ilusão de que o sentido atestado mais antigo fosse uma verdade filosófica. Ela só tem a ganhar com o apoio de uma lingüística de tipo geral e formal. Para compreender nossa época e nossa situação presente, há muito a se esperar da história da língua, pois esta é inseparável da história das sociedades, dos saberes, dos poderes técnicos, e por esta razão, tem valor de índice. Ela nos ajuda a reconhecer em que nós diferimos. Isto equivale a dizer que a própria *variação* semântica do vocabulário é um significante, e que este, remetendo à contextura dos "estados de língua" sucessivos, permite que se perceba melhor a mudança nos "estados de cultura"."

Quando Starobinski afirma que a história da língua "nos ajuda a reconhecer em que nós diferimos" faço uma associação imediata com o conceito de *trilhamento* e de *à posteriori* em Freud e a leitura que Derrida(1995) faz deste conceito mediante a idéia de *Différance*.

Derrida observa que a palavra *différer* comporta simultaneamente dois sentidos: o sentido de não idêntico, de ser outro, discernível e um outro menos usual, o sentido de protelar, que leva em conta o tempo e forças numa operação de atraso. *Différance* condensa então, estes dois aspectos: temporização com adiamento e produção de espaço entre o uno.

O que é escrito como *Différance* será, então, o movimento do jogo produtor das *différences*, produtor dos efeitos de *différences*. Estes efeitos não encontram sua causa num sujeito ou substância, numa coisa em geral, num ser que seja de alguma forma presente, e que portanto poderia escapar do jogo da *Différance*. "É devido à *Différance* que o movimento de significação é possível. O chamado elemento "presente", cada elemento que aparece na cena da presença, está relacionado com algo que não ele próprio, e portanto mantendo nele a marca do elemento passado e já deixando-se, ele mesmo, impregnar-se pela marca da sua relação com o elemento futuro. Esta constituição do presente é "originária" e não tem origem, é irreduzivelmente não-simples, (é) (simultaneamente) espaçamento (e) temporização." (Derrida, 1982:6).

De acordo com Derrida, tanto Nietzsche quanto Freud utilizaram esta idéia de *Différance* para questionar a supremacia da consciência como lugar de certeza do ser. Para Nietzsche, a maior e principal atividade do ser é inconsciente e a consciência é o efeito de forças cuja essência, caminhos e modalidades não lhe são próprios. A força nunca está presente; é somente um jogo de diferenças e quantidades. Não existiria nenhuma força em geral sem diferença entre forças; e aqui a diferença entre quantidades conta mais do que o conteúdo da quantidade, mais do que o tamanho absoluto em si. A diferença de quantidade é a essência da força, a relação de força com força. Para Freud, os dois valores aparentemente diferentes de *Différance* são tratados conjuntamente: diferir como discernir, distinguir, separar, espacializar e diferir como adiar, atrasar, reservar, temporizar. Derrida mostra que os conceitos de *traço*(*Spur*), de *facilitação*(*Bahnung*), e de *forças de facilitação* do *Projeto* são inseparáveis do conceito de *Différance*. Então, quando Starobinski defende a importância de uma semântica histórica como forma de conferir sentido às palavras, podemos endossar esta idéia afirmando que não só o sentido atribuído aos discursos, mas também aquilo que somos só pode ser pensado em termos deste processo permanente de *Différance*; os sujeitos estão imersos ao longo de suas vidas em diferentes "estados de língua" que coexistem cumulativa e contraditoriamente, em permanente movimento, sem privilégio de um presente ontologizado.

Derrida afirma que o conceito de escritura excede e compreende o de linguagem e que esta constatação pressupõe uma certa definição de linguagem e de escritura, onde a escritura fonética é apenas um caso particular de escritura. Nesse transbordamento do conceito de linguagem quero salientar o que ocorre, desde há muito tempo, em uma ciência "pura" como a matemática onde há uma profusão e autonomização de escrituras altamente abstratas e independentes da escritura

fonética, para as quais os conceitos de signo e significante são inadequados já que sua lógica interpretativa é completamente independente de uma linguagem fonética; os signos remetem-se uns aos outros, nesse jogo interminável de linguagem. Segundo este autor o pensamento logocêntrico com o rebaixamento da escritura foi produtor da diferença entre significado e significante, produzindo a distinção entre o sensível e o inteligível que organiza todo pensamento metafísico.

Ainda segundo Derrida, o pensamento estruturalista está calcado na distinção entre significado e significante, e os lingüistas que pensam a língua sincronicamente não consideram a hipótese de pensar historicamente os conceitos de signo, significado e significante. Starobinski(2002) sinaliza para a importância de, sem abandonar a estrutura explicitada numa lingüística geral explorar uma história das palavras. O uso das palavras científicas, particularmente, serve a muitos propósitos e segue caminhos e descaminhos que muito dizem da constituição do campo de saber a que se referem.

Creio, então ser produtivo e esclarecedor seguir o percurso de algumas palavras para atravessar mares não navegados, constituintes dos jogos de poder que possibilitaram a emergência de determinados conceitos. Julgo que um dos percursos a ser trilhado (espaçamento e temporização), conforme indicado por Pontalis(1988), é o de percorrer a trajetória das palavras utilizadas para nomear o conceito de RTN para discutir o entrelaçamento de sentidos que se produziu neste agrupamento.

Por exemplo, a palavra *Reação* no sentido atual é utilizada sempre como uma resposta à uma ação, passível de ser mensurável e qualificada: reação igual, adequada, insuficiente ou excessiva, nula, positiva ou negativa. Portanto, sem abrigar nenhuma possibilidade de ser primeira, de ser autônoma, independente e particular; nenhuma possibilidade de surgir como ação afirmativa de algo singular e não como resposta a algo. Seria possível pensar em um outro sentido da palavra reação? Houve algum sentido de reação que ficou "recalcado"?

A palavra *Terapêutica* tem a ver com cura? Tem a ver com medicina, com progresso, com evolução de um processo? Tem a ver com doença, com patologia e com normalidade? Este foi, desde sempre, o campo semântico da palavra *Terapêutica*? Que resquícios destes significados permaneceram vivos e ativos na idéia de RTN? É possível pensar numa história desta palavra que contemple outras formas de pensar a terapia e o terapêutico?

E a palavra *Negativa*? Atualmente está sempre reportando-se a algo que deve ser corrigido, tornado positivo; algo que existe unicamente em contraposição a um

positivo. Negativo exprime uma falta ou uma afirmação vista como falta? Existe outra forma de pensar esta recusa-afirmativa? Perguntamo-nos se o negativo traduz necessariamente uma recusa. Uma recusa de curar-se do quê?

Penso que a possibilidade de conceituação metapsicológica da RTN só se apresenta se conferirmos um caráter terapêutico à psicanálise no sentido médico, se pensarmos a resistência apenas no seu sentido reativo, como resposta negativa à cura, como recusa do sujeito de defrontar-se com algo que está oculto e deve ser desvelado. Podemos nos perguntar, no entanto, a que se recusa um sujeito que vive na situação analítica uma experiência de ordem e de silêncio, uma experiência de imobilidade e de morte, uma experiência sem tempo e sem ação?

Creio que se aceitarmos a percepção de Bourdieu acerca da constituição dos campos de saber, haveria algo para concluirmos a partir da representação social da figura do analista presente na música de Belchior utilizada na abertura deste trabalho. Na hora decisiva, na hora do gol, não é possível seguir interpretando com neutralidade e abster-se do comprometimento com a experiência em curso. É preciso assumir os riscos inerentes à experiência analítica, onde, "deixando a profundidade de lado", *falar* deveria ser também *dizer*. Talvez muitos analistas andem acreditando que deve-se buscar nas profundezas do sujeito uma verdade que corresponda a "ser feliz direito" ou a "viver satisfeito". Talvez estejam se recusando a mergulhar na "divina comédia humana onde nada é eterno". Talvez estejam querendo negar a finitude e a morte que, quando aceitas, obrigam à ação. Então, não deve haver surpresa quando receberem como resposta a resistência ou talvez a afirmação positiva: "Enquanto houver espaço, corpo, tempo e algum modo de dizer não, eu canto."

**Referências Bibliográficas:**

BIRMAN, J. Notas de aula, Instituto de Medicina Social / UERJ, 2001.

\_\_\_\_\_, *Por uma estilística da existência*, Editora 34, Rio de Janeiro, 1996.

BOURDIEU, P. *Meditações Pascalianas*, Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2001.

Derrida, J. "Excerpt from Différance" (transl Alan Bass) in *Margins of Philosophy*, University of Chicago Press, Chicago, 1982.

\_\_\_\_\_, "Freud e a cena da escritura" in *A Escritura e a Diferença*, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1995.

FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*, Nau editora, Rio de Janeiro, 1999.

\_\_\_\_\_, "Nietzsche, a Genealogia, a História" in *Ditos e Escritos*, vol II, Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_, *Dits et écrits*, vol IV, Gallimard, Paris, 1996.

NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*, Companhia das Letras, São Paulo, 2001

PÉREC, G. *Les lieux d'une ruse*, Hachette, Paris, 1981.

PONTALIS, J.-B. "Non, deux fois non" in *Perdre de vue*, Gallimard, Paris, 1988.

\_\_\_\_\_, "Bornes ou confins in" *Entre le rêve et la douleur*, Gallimard, Paris, 1977.

STAROBINSKI, J. *Ação e Reação - Vida e aventuras de um casal*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2002.